



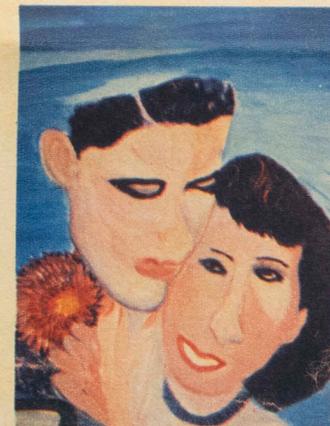
Seu quadro, seu mundo. Para êle, falar é difícil, quase impossível. Pintar é fácil. Sob a forma de arte, êle traduz o tumulto de sua



mente que se desligou da realidade.

“Dize-me o que pintas...”

Texto de TAUNO LINDH / Fotos de WALTER LUIZ



E há figuras humanas com um impressionante toque de ternura.



A terapêutica ocupacional permite a liberação de problemas inconscientes que o doente jamais formularia através de palavras.



Os aspectos estéticos da arte psicótica já despertam interesse.

Em 1951, o crítico de artes plásticas Mário Pedrosa e o Dr. Almir Mavignier promoveram, no Instituto Brasil-Estados Unidos, Rio, uma exposição de quadros, com a assinatura de um pintor desconhecido. Foi o que se pode chamar um sucesso. Os trabalhos, assinados por um tal Emigdio, foram quase todos vendidos.

Emigdio era um interno do Centro Psiquiátrico Nacional (também conhecido como Hospital do Engenho de Dentro), Rio. Um louco, como diriam as pessoas chamadas normais. Um esquizofrênico, para usar a exata palavra científica.

A história de Emigdio é, de certa forma, a história de um milagre da pintura. Ou, de acordo com o frio diagnóstico dos médicos, um resultado positivo da terapêutica ocupacional. (Para os não iniciados, terapêutica ocupacional é o tratamento que, através de receita médica, proporciona aos doentes uma atividade, específica para cada caso, dando-lhe condições para manifestação e satisfação, em formas aceitas socialmente, de suas necessidades emocionais. No caso dos esquizofrênicos, a terapêutica ocupacional permite a liberação de problemas inconscientes ou semiconscientes que o doente jamais formularia verbalmente. E a linguagem da arte, essencialmente simbólica, torna-se instrumento ideal para a comunicação do doente.)

Ó PENOSO RETÔRNO AO MUNDO DA RAZÃO

Desculpem os parênteses, longo mas necessário.

Quando D. Nise Silveira — que criou o Serviço de Terapêutica Ocupacional — começou a tratar de Emigdio em 1947, ele já estava internado há 25 anos. De acordo com a psiquiatria clássica, Emigdio seria um caso perdido, pois a duração da doença mina as forças de recuperação. D. Nise, entretanto, levou-o para o serviço de encadernação, a fim de que aprendesse o ofício, o que aconteceu com rapidez surpreendente. Removido para a seção de pintura, os resultados foram melhores ainda.

Ao entrar para a encadernação, Emigdio era um doente hermético: não falava com ninguém, e, quando alguém se aproximava, curvava-se todo sobre si, como se aquele contato o ferisse. Com o passar do

tempo, começou a se abrir um pouco mais com as pessoas, principalmente com Almir Mavignier (na época, assistente de D. Nise), que o levava a passear, com lápis e papel para desenhar. Do desenho, Emigdio passou ao óleo e ao guache, realizando telas de impressionante força expressiva. No Natal de 1950, ele pediu um guarda-chuva de presente. A monitora que recebeu o pedido, comunicou-o a D. Nise: se Emigdio queria um guarda-chuva, era porque pretendia deixar o hospital. De fato, pouco depois ele ia reunir-se à família, com a qual passou a viver uma vida normal. A última notícia que se tem dele é de 1957, quando uma monitora do Centro Psiquiátrico Nacional passou por sua casa, trazendo de lá alguns quadros e guaches pintados recentemente, alguns dos quais foram leva-



Na tinta e nos pincéis talvez se

dos a Zurique para uma exposição, durante o II Congresso Internacional de Doenças Mentais.

Contado assim, em forma de relatório quase frio, o caso de Emigdio parece apenas um caso clínico normal, com desenlace também normal. Quem não conhece o assunto, entretanto, não pode imaginar a dose infinita de paciência, de jeito, de tática para acompanhar o doente em todas as fases de recuperação. Comunicar-se com um esquizofrênico — cujo ego perdeu o contato com a realidade exterior e é invadido pelos conteúdos do inconsciente, passando a recriar o mundo partindo de uma visão deformada por cargas emocionais — é coisa extremamente difícil. Principalmente por meio de palavras, que são o instrumento do pensamento lógico. Mas, aquele que maneja um lápis ou um pincel, já não é inacessível. A imagem, embora mais difícil e impe-



encontre o elo perdido da cadeia que o prendia à realidade do mundo exterior. No CPN, muitas pessoas têm conseguido obter o milagre.

netrável para nossa compreensão, contém sempre algo a mais do que pode ser traduzido verbalmente. Daí, a importância da pintura no processo de cura da doença.

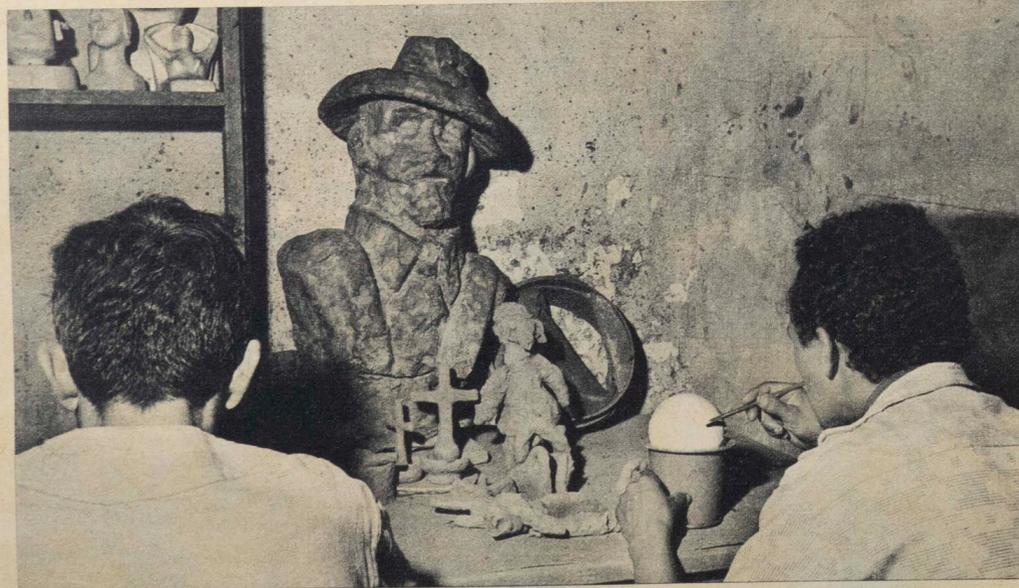
Mas, no Centro Psiquiátrico Nacional, Emigdio não é caso único. Há inúmeros outros, entre os quais escolhemos um, o de Rafael (ou Raphael, ou outras formas gráficas com que ele deforma o nome ao assinar seus desenhos), que adoeceu com 15 anos de idade e, na época da criação do STO, já tinha 15 anos de internamento. De sua ficha constava ter ele estudado desenho no Liceu de Artes e Ofícios.

Em 1946, quando de novo lhe puseram lápis e papel na mão, começou a fazer desenhos abstratos de caráter automático: uma sucessão infinita de pequenas formas fechadas, como uma colmeia irregular. Com o passar do tempo, essas colmeias foram-se esgarçando e toma-

Nem sempre as formas surgem rápidas. O trabalho às vezes demora.



ram formas reconhecíveis, até chegar a impressionantes desenhos de figuras humanas ou vasos de plantas em que a pureza do traço atinge uma dimensão e expressão plenas. Por volta de 1949, sua linha é livre e decisiva, captando a figura com um mínimo de detalhes, todos eles integrados num todo. O espaço passa a ter o valor expressivo dos grandes mestres modernos. E quando os desenhos de Rafael podem então ser postos ao lado dos Matisse ou Klee. Curiosidade: mesmo em sua melhor fase, era necessário que se tirassem os desenhos de sua frente, assim que os concluía, pois, a partir daquele momento, Rafael começava a cobri-los com outros ou com rabiscos. O caso de Rafael não tem o "happy end" do de Emigdio. Agora, ele raramente desenha. Prefere brincar. Parece que a terapêutica ocupacional não conseguiu trazê-lo de volta à realidade do nosso mundo.



Escultura também faz parte como atividade de expressão na técnica da terapêutica ocupacional.

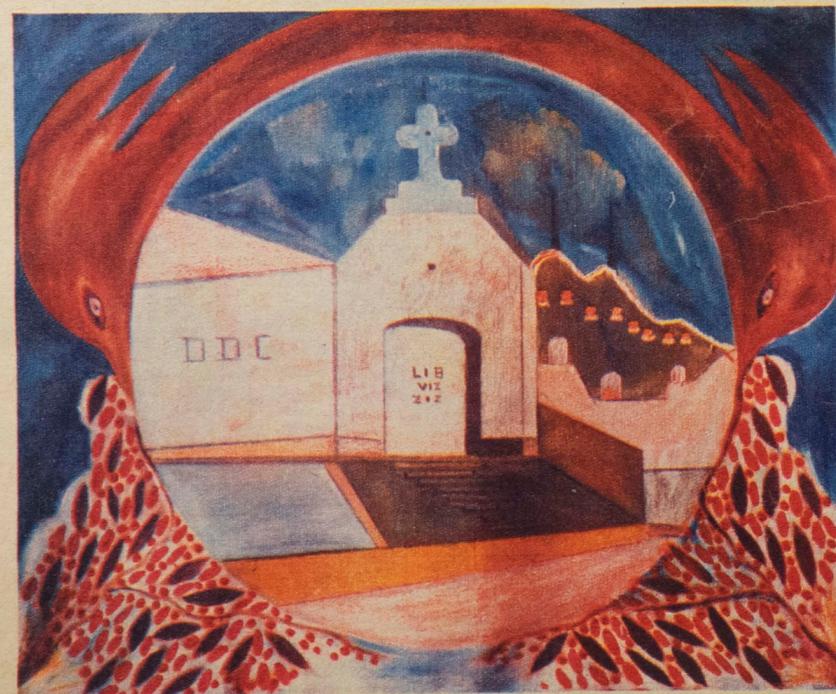
UM MILAGRE TRADUZIDO NAS CÔRES, ÀS VÊZES FORTES, ÀS VÊZES SUAVES, DE UMA TELA

Bem, esta é a história. A explicação, ou tentativa de explicação, envolve nomes como Freud, Simon, Lombroso, Prinzhorn, Laforra, e um vocabulário que inclui palavras assim: psicótico, psicodinâmica, me-

canismo de regressão, repressão, condensação, dissociação, simbolização. Em todo caso, os quadros aí estão. Vamos vê-los, lembrando-nos de que "de músico, poeta e louco (e talvez pintor), todos nós temos um pouco."



Momento de tranqüillidade, numa arte muitas vezes conturbada. Alguns quadros são de fazer inveja a muito primitivista lúcido.



Aqui o impulso artístico introvertido é bem maior do que na arte convencional.



Nos símbolos, sua linguagem. Uma linguagem que pode não ter um correspondente exato ou uma tradução certa na expressão lógica.